O último texto, num estilo fluido, comenta as soluções encontradas para a tradução do romance *Macunaíma* por Jacques Thiériot. Trata-se de uma contribuição à crítica da tradução elaborada pela professora doutora Staut, integrante do GT-Tradução da Anpoll e tradutora e crítica de traduções desde 1984.

Gostaríamos, para finalizar, de agradecer a confiança depositada pela Profa. Dra. Maria Cristina Ferreira Leandro, diretora do Instituto de Letras, ao convidar-nos para organizar este número. Agradecemos também aos colegas e alunos colaboradores, sem os quais não seria possível concretizar nossa proposta.

Profa. Dra. Vera Lúcia do Amaral Conrado
Organizadora

O discurso inatingível: marxismo e lingüística (1965-1985)[1]

Jean-Jacques Courtine[2]
Tradução: Heloisa Monteiro Rosário[3]

Para começar, uma citação:

> "É que, face ao sujeito pleno identificado na interpelação da ideologia dominante burguesa, portador da evidência que diz a cada um: "sou eu", apoiava-me sobre uma exterioridade radical da teoria marxista-leninista para descobrir o ponto onde o absurdo reaparece sob a evidência, determinando, desse modo, a possibilidade de uma espécie de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias nas quais o sujeito é aprisionado, portanto, a possibilidade de uma "interpelação ao contrário" agindo na prática política proletária: a exterioridade teoricista se acompanhava, assim, necessariamente de um pedagogismo subvertido; o que provocava uma corrente tipicamente platônica /.../".

Essa citação, eu a escolhi e interrompi, mais ou menos ao acaso, em um conjunto de textos de Michel Pêcheux, que Denise Maldidier acaba de reeditar (Maldidier, 1990), precedidos de uma longa introdução na qual ela retraça o percurso intelectual do filósofo morto em dezembro de 1983. Essa passagem, que simplesmente julguei representativa de uma época e de um estilo, foi extraída de um texto escrito em fevereiro de 1978[4]. Faz um pouco mais de dez anos.

Se eu quis iniciar esse texto por essa citação, foi para ir direto ao que quero discutir aqui: as relações da lingüística com o marxismo do fim dos anos 60 ao início dos anos 80. A partir da seguinte observação: esse texto, típico de uma tradição de reflexão marxista sobre as ideologias, a língua e o discurso, extremamente ativa entre 1965 e 1975, cujo papel intelectual foi importante, que

[1] Texto gentilmente cedido pelo autor para tradução e publicação.
[2] Atualmente professor na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, Estados Unidos. Participou ativamente do grupo de Análise do Discurso fundado por Michel Pêcheux.
[3] Mestranda na área de Teorias do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
[4] Inédito em francês e destinado a servir de posfácio à tradução inglesa de *Les Vérités de la Palice* (Pêcheux, 1982). É um texto de natureza filosófica, concebido como uma retificação de teses formuladas na edição francesa.

marcou então com sua impressão o debate teórico e político, mas também algumas pesquisas lingüísticas, esse texto é hoje *ilegível*.

Seus objetos – "a ideologia burguesa dominante", "a filosofia marxista-leninista", "a prática política proletária", "a interpelação ideológica do sujeito",... – haviam deixado de existir bem antes das reviravoltas históricas de 1989-1991. Igualmente, seu estilo: o tamanho do período, seu caráter compacto, a ausência de pausa, a acumulação unida dos pressupostos, tantos traços que pertencem a uma tradição de escrita hoje esgotada. É do desapego brutal desses objetos e desse estilo teórico que gostaria de tratar nessas poucas páginas, situando essa questão no contexto mais geral do fim do estruturalismo na história da lingüística na França.

Denise Maldidier, em sua apresentação detalhada e rigorosa do caminho teórico de Michel Pêcheux, sublinha, merecidamente, a importância do papel que ele desempenhou no desenvolvimento das pesquisas sobre o discurso em lingüística. Ela mostra de modo preciso em que, para Pêcheux, o discurso foi a questão teórica central, verdadeiro "nó" onde se entrecruzavam os discípulos teóricos do marxismo, da lingüística e da psicanálise, cuja "articulação" ele quis, desde o início de seu trabalho, realizar. Ela nos convida a acompanhar de mais perto as etapas desse percurso: os anos de formação e o encontro decisivo com o ensinamento de Althusser, ao qual Pêcheux ligou, de um certo modo, seu destino; depois "o tempo das grandes construções", período extremamente fecundo durante o qual, entre 1969 e 1975, Pêcheux concebeu especialmente o projeto de análise automática do discurso, de uma novidade então radical, e escreveu o que permanecerá seu livro maior, *Les Vérités de la Palice*. Segue um momento de "tateamentos teóricos", quando, de 1976 a 1979, enquanto se acumulavam os sinais de esgotamento do marxismo e se iniciava o retorno da conjuntura política, a sociolingüística marxista na França era agitada por polêmicas cujo caráter bizantino somente hoje é mais evidente. A cronologia de Denise Maldidier nos conduz enfim para o último período, chamado de "desconstrução dominada", no decorrer do qual Pêcheux tentou, entre 1980 e 1983, dar prolongamentos, sobretudo institucionais, a uma problemática que a implosão do marxismo althusseriano deixava órfã[5].

Onde estamos hoje?

> "O que pôde representar o discurso no pensamento (de Pêcheux) parece perdido. Conceitos que ele forjou encontram-se a esmo: banalizados, retirados do campo no qual haviam sido elaborados, traços teóricos dos quais se teria esquecido o enunciador." (Maldidier, 1990, p. 7).

[5] Dessa cronologia, cujo pormenor é precioso, poder-se-ia contudo discutir certos pontos: não estou absolutamente certo, em particular, de que a "desconstrução" do último período tenha sido "dominada". Ela me parece globalmente ter sido uma tentativa extremamente problemática de *aggiornamento* pós-marxista tornada inevitável pelo vazio teórico e político que havia se instalado. Essa reconversão forçada toma a forma de uma "abertura", de um apelo às ciências humanas, e de uma tentativa de institucionalização no seio do CNRS [Centro Nacional de Pesquisa Científica]. Não havia, evidentemente, nada de mal nisso, a não ser que estava em completa contradição com tudo aquilo que o programa teórico-político althusseriano havia repetido incansavelmente desde o início. A empresa só era possível desde que quisesse ignorar a negação de si que constituía seu princípio. Ela trazia a questão mais geral das saídas possíveis do universo teórico marxista, e singularmente do universo althusseriano. Este último, não havendo alternativa, devia ser aceito ou não.

Aqui está, de fato, o paradoxo: o trabalho de Michel Pêcheux e a forma de análise do discurso à qual seu nome está associado contribuíram para promover a reflexão sobre o discurso entre os lingüistas. Mas se deve constatar, ao mesmo tempo, um recuo; depois um esmorecimento dessa problemática que havia se dado por tarefa, a partir de 1968-1970, elaborar uma concepção do discurso que dele fizesse um objeto essencial para a compreensão das realidades históricas e políticas, um nível de intervenção teórica crucial para quem quisesse, a um só tempo, compreender a sociedade e trabalhar em sua transformação. O interesse do livro de Denise Maldidier é o de contribuir para que o esquecimento não se instale tão facilmente, convidando aqueles que se preocupam com a história de sua disciplina para um trabalho de rememoração.

Parece-me, no entanto, que seu esforço deixa na sombra uma parte das determinações essenciais da "aventura teórica" da análise do discurso: a relação da lingüística como ciência com o projeto político da esquerda, na França, no período que nos interessa aqui. Alguns setores da pesquisa lingüística (sociolingüística, análise do discurso, lingüística aplicada à didática das línguas,...) eram, com efeito, filosoficamente amplamente dominados pelo marxismo, ao mesmo tempo em que eram concebidos como campos de atividade militante. A análise de Denise Maldidier baseia-se, muito freqüentemente, em uma simples gênese das idéias científicas: para compreender o desaparecimento de certos modos de trabalhar no seio da lingüística francesa, deve-se analisar as condições políticas e intelectuais da *desmarxização* das pesquisas em lingüística e, mais geralmente, nas ciências humanas.

Como a lingüística francesa saiu do marxismo? *Em silêncio*: poucas análises por parte daqueles que disso foram as testemunhas, não mais do que anamneses individuais ou coletivas por parte daqueles que disso foram os atores. Deslocamentos furtivos, páginas discretamente viradas, um certo incômodo, às vezes,... É tempo, no entanto, de fazer das relações entre marxismo e lingüística naqueles anos um objeto histórico. É, doravante, o único estatuto que possa ser o seu. Cabe à história da lingüística a responsabilidade particular de constituir sua memória. É para isso que essas poucas páginas consagradas à breve história da análise do discurso na França desejam contribuir.

1. Cortes e articulações

A análise do discurso pode ser considerada, em uma história interna da lingüística, como um efeito reativo do "gesto decisivo de separação" através do qual a disciplina se institucionalizou como ciência no início do século (Chevalier, 1974, p. 131). Seu projeto foi, desse modo, pensado como uma "negação" e uma "superação do gesto separador de Saussure" (Chevalier, 1974, p. 132). Ela teve como primeiro objetivo querer rearticular o que o "corte saussuriano" havia

UFRGS BIBLIOTECA SETORIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

separado, fazer ressurgir o que a instituição de uma lingüística formal havia removido para fora do campo da ciência da linguagem: as condições de emprego da língua.

O que surpreende, relendo agora os textos que expressavam esses objetivos, é o ambiente de urgência teórica, de *dramatização epistemológica* no qual estavam mergulhados. Querer analisar os discursos era, então, querer fazer bem mais do que simples trabalho de lingüista; também era, de um certo modo, pensar ocupar uma posição heróica em uma luta teórico-política: reintegrar em um gesto libertador aquilo que uma decisão arbitrária havia excluído. Foi o "corte saussuriano" que se achou primeiramente visado. A maioria dos textos de análise do discurso iniciava assim: a dicotomia língua/fala "bloqueia" o projeto de analisar o discurso. A relação da teoria saussuriana com o objeto da lingüística era geralmente apresentado através da metáfora daquilo que limita, comprime ou força[6]. Acabar com a opressão teórica, desfazer-se das antigas dependências: a análise do discurso pretendeu ser o momento inaugural de uma revolução epistemológica. Ela se inscrevia em uma maneira de pensar a história da lingüística que correspondia globalmente às concepções althusserianas da história das ciências. Ela pressupunha a emergência súbita, no trabalho de Saussure, de uma "ciência da língua" rompendo com um passado de erros gramaticais e filológicos. De fato, isso consistia, antes de tudo, em aplicar à história das ciências o modelo de narração revolucionária herdado do catecismo da Revolução Francesa, revisado em outubro de 1917. Um de seus mínimos paradoxos não foi o de apresentar o "processo de produção dos conhecimentos científicos" como um processo radicalmente impessoal e de evocar, ao mesmo tempo, grandes figuras individuais e solitárias – Marx, Freud, Nietzsche, Saussure,... – que, na pior das adversidades, lançavam-se sós na descoberta de "continentes científicos"[7]. Em resumo, ao mesmo tempo *um "processo sem sujeito" e uma história piedosa do heroísmo científico*, a história dos santos laicos, versão Marie Curie.

Mas querer analisar discursos era desejar fazer um pouco mais ainda: era imaginar manter um papel quase-terapêutico em relação à lingüística, e querer nela produzir o retorno daquilo que ela teria "recalcado", nesses tempos nos quais se

[6] Um "espartilho" que se deve "fazer explodir" (Robin, 1973, p. 79), um "fecho" que se deve "fazer saltar" (Guespin, 1971, p. 11), um "edifício" onde se respira uma "atmosfera empobrecida" que se deve "demolir" (Guespin, 1971, p. 12-14), ou então enfim um "velho modelo" cuja "fortificação" deve ser submetido a uma "ação erosiva" (Guespin, 1976, p. 47-48).

[7] *"Marx, Nietzsche, Freud deveram pagar a conta, por vezes atroz, da sobrevivência: preço contabilizado em exclusões, condenações, injúrias, misérias, fome e morte, ou loucura (...) Freud conheceu a calúnia, a pobreza e a perseguição (...) Consideremos simplesmente a solidão de Freud (...), falo de sua solidão teórica (...). Procurou em vão precedentes teóricos, pais em teoria, mas nada encontrou. Teve que suportar e arranjar a seguinte situação teórica: ser seu próprio pai, construir com suas mãos de artesão o espaço onde situar sua descoberta..."* (Althusser, 1976, p. 12). No caso de Saussure, esse tipo de pathos epistemológico irá se deter sobre "os dois Saussure", aquele dos anagramas, "ameaçado pela loucura", legitimando na sombra por seus excessos poéticos a racionalidade radical do "corte" operada pelo outro, em plena luz científica. O trabalho empreendido há alguns anos em história da lingüística começou a corrigir essa mitologia romântica que encobre o pensamento das origens da lingüística moderna.

representavam na cena teórica os dramas confundidos e deslocados da política e do desejo. A análise do discurso foi, portanto, em muitos sentidos, o efeito dessa configuração teórica do final dos anos 60, feita de estruturalismo agonizante, de epistemologias da descontinuidade, de uma política marxista das ciências humanas e da impregnação profunda pela psicanálise da atmosfera teórica do momento.

> "Para os historiadores, o discurso não constitui um objeto (...) No outro pólo, os lingüistas estão rigorosamente isolados no saussurismo, na lingüística estrutural e no transformacionalismo. A dicotomia inaugural de Saussure provoca um afastamento do sujeito, (...) um afastamento do fora-texto. Em resumo, dois recalcamentos simétricos. O historiador recalca o significante, a materialidade da linguagem, o lingüista recalca o sujeito e a história, em resumo, o discurso como prática social." (Robin, 1979, p. 70).

Uma forma de análise que não recalcaria nada, articulando, sem nada excluir, o sujeito, a linguagem e a história: sob a forma desse projeto, que fazia parte do sonho, a análise do discurso foi, então, o lugar privilegiado de um encontro entre a lingüística e a história, e isso de dois modos.

De um lado, ela participou de um exame histórico e crítico dos fundamentos do "gesto inaugural" de Saussure. Entendia, assim, questionar a delimitação do campo da lingüística que dele resultava. Ela nunca se afastou dessa função crítica em relação à lingüística, interpelando a centralidade da disciplina a partir de sua periferia, lembrando-lhe seus limites, suas insuficiências, isso que ela inicialmente teria negligenciado. De outro, ela quis proceder à rearticulação daquilo que havia sido cindido: o sistema lingüístico (então concebido como um conjunto de regras sintáticas governando as frases, e também de funcionamentos dependendo de uma problemática da enunciação)[8] e as condições históricas da língua em uso (através da determinação das "condições de produção" do discurso).

Desse projeto inicial, o que resta hoje? Ele ainda é simplesmente sustentável? É possível duvidar disso com a leitura do último número que lhe foi consagrado na revista *Langages*[9], que faz o balanço dos trabalhos realizados e quer abrir novas perspectivas. A questão do futuro da disciplina merece ser colocada, se se examinam os trabalhos que nela estão reunidos em relação ao que constituiu o fundamento do projeto. Este último, com efeito, queria atingir um duplo objetivo:

[8] Estão aqui, com efeito, as duas fundações da análise do discurso sobre o plano lingüístico: um quadro sintático geralmente emprestado do distribucionalismo harrissiano ao qual foi acrescida a problemática da enunciação na perspectiva de Benveniste e de Jakobson. Isso constitui, nos primeiros textos de Jean Dubois (1969, p. 100-110), a base lingüística daquilo que será conveniente articular com "o exterior" da língua. As perspectivas abertas pelos trabalhos de Jean Dubois foram essenciais na constituição do projeto de análise do discurso, assim como a revista *Langages*, que ele dirige, foi o vetor determinante de sua difusão.

[9] *Langages*, n. 81, 1986.

de um lado, combinar uma dimensão histórica e crítica e uma dimensão instrumental e positiva; de outro, articular os aspectos históricos e lingüísticos no tratamento do discurso. Que é feito disso agora?

2. Deslocamentos e mutações

Consultando esse conjunto de textos, constata-se que o campo da análise do discurso é o lugar de múltiplas tensões. Ela está dividida entre maneiras de trabalhar que a levam em direção à lingüística e outras, mais isoladas, que a solicitam do lado da história. Ela hesita entre o exame de um *corpus* doutrinal, com suas séries regulares de enunciados, que suas primeiras tentativas privilegiavam, e aquele de práticas linguageiras dispersadas, heterogêneas. Enquanto que se limitava a descrição de textos, ela se volta, nesse momento, para práticas orais; quando observava, antes de tudo, a intertextualidade, os processos verticais que atravessam um conjunto de discursos para lhe dar coerência e consistência, ela recentrou a análise sobre o fio do discurso, a horizontalidade das seqüências discursivas. Ela examinava centralidades discursivas, ela pretende agora determinar as margens dos discursos.

Tais deslocamentos eram necessários. A primeira forma da análise do discurso havia demasiadamente reduzido o campo do discurso a tipos de *corpus* particulares. Mas, deve-se ver bem de que são acompanhadas essas novas exigências na maioria dos trabalhos que as expressam. Sob o termo de análise do discurso desenvolvem-se descrições do fio do discurso, efetuadas de um ponto de vista formal, interativo e conversacional, ou ainda gramatical que pura e simplesmente abandonam a articulação do texto ou da seqüência oral com as condições históricas – e, por vezes, até simplesmente situacionais – de sua produção. E se se confrontam esses trabalhos com o duplo objetivo que constituía o fundamento do projeto de análise do discurso, vê-se a dimensão histórica e crítica apagar-se em proveito da dimensão empírica ou da construção de procedimentos formais; e paralelamente, o aspecto lingüístico da análise recobrir, mais ou menos totalmente, as considerações históricas. A análise do discurso *gramaticalizou-se*.

Ela encontra-se, desse modo, em uma situação paradoxal. Onde outrora defendia a legitimidade de uma consideração dos funcionamentos discursivos, quando a lingüística dedicava-se exclusivamente à análise do sistema da língua, viu-se praticamente destituída de seu objeto pela adoção, muito ampla na lingüística dos anos 80, do termo "discurso" e pela multiplicação das problemáticas tendo como objeto empírico o discurso. Pois, essas problemáticas rompem de duas maneiras com a acepção primitiva do termo na análise do discurso dos anos 70. Quer elas operem uma descontextualização dos discursos em uma perspectiva formalista, o que volta, no fundo, a tratar o discurso como exemplo de língua; quer elas realizem uma contextualização parcial das seqüências discursivas no quadro de uma sociolingüística das situações e das interações (análises de conversação, de tipo formal ou de tipo, de preferência, sociológico, ou, às vezes, até de inspiração etológica; etnometodologias; diversos tipos de pragmáticas; análise dos rituais verbais e não verbais em prática na comunicação; ...).

Havia *uma* análise *do* discurso que queria articular história e lingüística. Existem agora *n* análises *de* discurso que, em sua maioria, abandonaram tal projeto.

Esse deslocamento só pode, no entanto, ser verdadeiramente compreendido a partir de uma história puramente interna, disciplinar, do conceito de "discurso": essa mutação da análise do discurso na França também é o reflexo de um conjunto de fatores externos à história das ciências da linguagem, determinações que tiveram efeitos de reconfiguração interna do campo.

Poder-se-ia, inicialmente, prolongar o estudo que propõe B. Laks do campo da sociolingüística francesa de 1968 a 1983; e isso ainda mais legitimamente porque, em inúmeras de suas definições, a análise do discurso situou-se nessa filiação. No final do estudo de Laks, o domínio sociolingüístico surge como profundamente heterogêneo e cartelizado (Laks, 1984, p. 123). Laks nele sublinha a atração exercida pelas disciplinas próximas, a justaposição de grupos e de orientações sem vínculos nem influências recíprocas, a ausência de consenso. Dever-se-ia então ir além de uma geografia dos grupos e dos temas, limite que Laks não ultrapassa. E incluir outros fatores para compreender a configuração fragmentada e conflitual do campo, bem como a especificidade das posições e das estratégias daqueles que foram levados a nele trabalhar. Desse modo: uma vontade crítica geralmente baseada em um engajamento político que reclamava que, em matéria de lingüística, se incluiu o político e o social; uma concepção do trabalho científico concebido como um prolongamento da atividade militante que teve por conseqüência a reprodução das clivagens políticas no interior do domínio. A herança intelectual de Maio de 68: uma rebelião teórica contra o que era percebido como a centralidade das disciplinas, um gosto pelas margens e pelas descompartimentalizações interdisciplinares, aqueles de uma geração de universitários maciçamente recrutados entre 1969 e 1973, formados em ciências humanas, nos cursos superiores e nas preocupações freqüentemente heterogêneas em relação àqueles privilegiados pelos recrutamentos tradicionais. A lingüística cessava então de ser a propriedade dos *agrégés*[10] de gramática.

O desenvolvimento, desde o início dos anos 70, da análise do discurso, como o da sociolingüística, é também uma conseqüência da desestabilização de disciplinas teórica e politicamente contestadas, e devendo, além disso, absorver muitos elementos, em grande parte, heterogêneos. E quando Laks salienta que a percepção atual do domínio sociolingüístico faz disso "um subcampo dominado do campo da lingüística" (Laks, 1984, p. 123), ou quando se vê gramaticalizarem-se as descrições de *corpus* em análise do discurso, pode-se pensar que terá sido necessário uma vintena de anos para que essa desestabilização do campo tenha sido, pouco a pouco, assimilada em uma recomposição disciplinar (da qual o próprio estudo de Laks participa ativamente).

[10] *Agrégé* é o professor titular do certificado de *agrégation*, que permite ministrar aulas em certos cursos universitários ou nos estudos secundários. N. T.

Mas tudo isso não é suficiente: deve-se fazer intervir outros fatores se deseja-se compreender o destino da análise do discurso na França. Ele me parece, com efeito, indissociável de um conjunto de elementos que modificaram profundamente "a ordem dos discursos" no decorrer dos últimos vinte anos. Acompanhando as determinações próprias a uma história interna das disciplinas, influindo sobre elas, eles explicam, por um lado, a emergência de uma análise do discurso, as formas que ela pôde tomar, os objetos que elegeu, as transformações que sofreu. As mudanças políticas, a evolução das sensibilidades, as mutações tecnológicas conturbaram os regimes de discursividade das sociedades ocidentais contemporâneas.

Para fazer a história da análise do discurso, assim como para fazer a de qualquer ciência humana, não se poderia postular a independência ou a neutralidade de métodos constituídos longe do objeto estudado. As transformações das análises do discurso são, a seu modo, um reflexo das mutações do próprio objeto em suas modalidades de existência material, em suas percepções individuais e coletivas. Não se faz a mesma análise do discurso político, quando a comunicação política consiste em comícios reunindo uma multidão em torno de um orador e quando toma a forma de shows televisivos aos quais cada um assiste em casa. Também não se faz a mesma análise do discurso independentemente dos preconceitos, das compartimentalizações sociais e ideológicas, das polêmicas antigas ou recentes; tudo isso exerce suas restrições sobre o discurso das ciências humanas, na escolha de seus temas, na definição dos objetivos, na produção de recortes formais.

A análise do discurso, até então, dificilmente admitiu os pressupostos políticos que davam sentido e forma a suas operações, organizavam a própria estrutura de seus dispositivos. Ela resistiu à mutação de seus preconceitos em objetos de estudo[11]. A situação agora mudou e pode permitir, livres dos conflitos de ontem, compreender a especificidade das formas que tomaram as pesquisas sobre o discurso na França desde o fim dos anos 60.

3. Políticas da leitura

Deve-se, em particular, justificar o seguinte fato: o discurso político havia se tornado a preocupação essencial das análises de discurso, mesmo que delas não tenha sido o objeto inteiramente exclusivo[12]. Pela segunda vez, não se pode verdadeiramente compreendê-lo sem fazer intervir o vínculo que a pesquisa lingüística na França manteve com o marxismo no final dos anos 60, nem evocar o

[11] *"Aqueles que acreditam que a ciência é 'autônoma' (...) consideram como não pertinente a análise das determinações sociais, e como estranhas ou acessórias as imposições que ela desvela. Essas imposições não são acidentais. Elas fazem parte da pesquisa. Bem longe de representarem a intromissão de um estranho no Santo dos Santos da vida intelectual, formam a textura dos procedimentos científicos"* (De Certeau, 1975, p. 72).

[12] Considerando-se, de fato, a totalidade dos trabalhos efetuados a partir dos anos 69-70, o peso das descrições de *corpus* políticos é considerável e prevalece amplamente sobre as análises de discurso pedagógico ou científico e sobre as de diversos *corpus* tratados por historiadores.

lugar que este último ocupava então nos debates teóricos e políticos. E deve-se aqui salientar o fato de que o surgimento de uma problemática lingüística do discurso é contemporânea dos acontecimentos de Maio de 68. E lembrar a obsessão discursiva que foi a da revolta estudantil: Maio de 68 foi uma *revolução discursiva*, uma exasperação da produção dos discursos, uma multiplicação de sua circulação, uma inundação verbal que encheu as ruas, a mídia, deixou inúmeros traços textuais, cobriu as paredes das cidades. É o paradoxo de Maio: o processo de modernização das estruturas e das mentalidades que se realizava através da rebelião estudantil foi contado nas formas discursivas amplamente arcaicas de uma fraseologia revolucionária logo fadada a desaparecer. Primeira "revolução" midiatizada na França, ela deveu uma grande parte de seu impacto às imagens; ela se autocelebrou, no entanto, em uma profusão barroca de discurso, que aliava a irrupção das palavras espontâneas e os últimos ecos das línguas de madeira (do discurso político estereotipado).

Esse "momento discursivo" intenso fez sentir seus efeitos além dos clamores das ruas. No trabalho teórico, a idéia de que a crítica dos discursos era a primeira tarefa de toda crítica impôs-se. Michel Foucault quis em *Archéologie du Savoir* (1969) e em *Ordre du Discours* (1971) desfazer os vínculos que, silenciosamente, teciam a relação do discurso ao poder na materialidade de seus enunciados. Mas essa opção crítica do "todo discursivo" foi, sem qualquer dúvida, levada a seu paroxismo pelas concepções althusserianas da prática filosófica como "luta de classes na teoria". A luta política tornou-se então uma simples questão de linguagem.

Concebe-se um dos benefícios diretamente políticos disso: a embaraçosa herança stalinista era escamoteada. O stalinismo, não era mais o Goulag e suas vítimas, mas, antes de mais nada, um problema teórico, uma questão de interpretação de textos, uma leitura errônea do marxismo, que uma releitura caracterizada por seus sintomas empenhava-se em retificar[13]. Benefícios secundários: o marxismo anunciava-se agora em uma língua aceitável para os intelectuais; a língua de madeira havia recobrado uma credibilidade perdida, provida, além disso, de garantias teóricas que permitiam a qualquer intelectual participar da luta de classe com mínimas despesas, uma vez que a luta de classe era "na teoria".

Concebe-se então como pôde emergir um conjunto de questões, centrado sobre a relação entre discurso e ideologia, que se tornou um verdadeiro programa de pesquisas críticas para as ciências humanas: o que é um discurso teórico? Como reconhecer um discurso ideológico? Diferenciá-lo de um discurso científico? O trabalho althusseriano de releitura do *Capital* contribuiu amplamente para promover a necessidade de uma análise de discurso[14]. Os lingüistas, como muitos

[13] Sobre a crítica do trabalho teórico de Althusser em sua relação à herança stalinista na França, remetemos ao excelente livro de Tony Judt (1986).

[14] *"(...) Romper com o mito religioso da leitura (...) Deve-se acrescentar que uma vez rompidos esses vínculos, uma nova concepção do discurso tornava-se enfim possível?"* (Althusser, 1968, p. 14-15).

outros, foram sensíveis a esse debate. Mas se esperava deles um pouco mais: que fornecessem dispositivos objetivos e formais que permitissem distinguir um discurso científico de um discurso ideológico, um discurso revolucionário de um discurso reformista, separar o bom grão do joio. Esperava-se que a lingüística viesse dar sua legitimidade científica a uma política da leitura dos textos. E, por vezes até, que constituísse o instrumento de uma *pedagogia da verdade*. Desse modo, essa resposta de época a uma interrogação sobre o fundamento da análise do discurso político:

> "Sim, temos algo a fazer aqui. A reflexão sobre o discurso político (...) deve ser desenvolvida e passada ao cidadão. O discurso oferecido pelo Estado ao cidadão francês é caracterizado por uma ambigüidade de superfície que, em princípio, permite leituras plurais das quais uma, a verdadeira, possível do ponto de vista lingüístico, é censurada porque é inaceitável no quadro da ideologia dominante."[15]

O projeto de análise do discurso toma lugar aqui em episódio moderno da distante relação entre pedagogia e política, quando se tratou, a partir da Revolução Francesa, para o professor republicano, depois para o militante operário, de "esclarecer o povo" ensinando-o a ler sua opressão nos próprios textos que, ao mesmo tempo, a expressam e a mascaram[16].

A inscrição da análise do discurso em uma tal genealogia explica a predominância dos discursos políticos entre os *corpus* tratados durante esse período; e também a forma que tomaram a maioria dos trabalhos: descrições contrastivas que opunham discursos de direita e de esquerda, comunista e socialista, "reformista" e "revolucionário". Se se quis, na maior parte das vezes, apresentar as pesquisas que foram efetuadas sob os auspícios do marxismo e da lingüística independentemente desse conjunto de fatores históricos, foi de medo de enfraquecer seus resultados, de lançar uma desconfiança sobre sua legitimidade, de desqualificar sua neutralidade científica. É uma posição que me parece extremamente fraca: as determinações políticas de uma pesquisa constituem um viés tanto menos decisivo quando não há preocupação em considerá-los e analisá-los. Não se faz desaparecer aquilo que se sente como uma dificuldade recobrindo-a.

Não se pode, no entanto, explicar o surgimento dos trabalhos dos anos 60-70 sobre o discurso, as formas que puderam tomar, unicamente a partir desse conjunto de razões exteriores ao campo científico. O início dos anos 70 também é o esgotamento do paradigma da lingüística estrutural e o ressurgimento, na lingüística francesa, de uma perspectiva sociológica inscrita de longa data nessa tradição: ainda é a oportunidade, oferecida pelo contexto de

[15] Ver Marcellesi, 1977, p. 2. Sou eu quem saliento.

[16] Eu quis aplicar em outros lugares alguns elementos dessa história (Courtine, 1982).

descompartimentalização das disciplinas, de pensar o vínculo entre história e lingüística. É, por fim, o desenvolvimento dos primeiros algoritmos de tratamento de texto que permitiram a elaboração de métodos de análise automática do discurso. Mas aqui ainda, o retorno da tradição sociológica em lingüística deu lugar à constituição de uma sociolingüística de inspiração marxista que se dedicou, antes de tudo, a descrever a diferenciação discursiva dos grupos políticos e sociais (Gardin; Marcellesi, 1974); a aliança interdisciplinar da história e da lingüística efetuou-se também sobre a base das questões polêmicas ligadas à interpretação política da Revolução Francesa (Robin, 1973).

4. História, discurso e práticas

Quanto à elaboração de uma "análise automática do discurso", ela não pode ser evocada, como acaba de nos lembrar Denise Maldidier, sem salientar o papel considerável que teve Michel Pêcheux nos debates que acompanharam o desenvolvimento da análise do discurso, e a posição que ele neles defendeu. Quando se faz o favor de querer considerá-la pela segunda vez hoje, percebe-se que essa posição realizou uma forma máxima de tensão entre objetivos que a dividiam: ela quis, com efeito, ao mesmo tempo, realizar uma função política e crítica, e uma função científica e positiva. Manter junto, consolidar a aliança de uma teoria marxista do discurso, de uma leitura política dos textos de um lado; de uma "análise automática do discurso", de outro, concebida como um dispositivo neutro de reconhecimento das frases, espécie de "máquina de ler" da qual se esperava que produzisse informaticamente uma "leitura não-subjetivada".

Desde a origem estava inscrita nessa aliança de uma utopia política e de um sonho positivista uma instabilidade que ia se agravar[17]. Ela só era sustentável pelo crédito que dava ao marxismo por seu caráter científico, bem como à paridade com o modelo de positividade que representava então a lingüística. O desaparecimento dessa ilusão, minada pelos acontecimentos políticos e as mudanças ideológicas, tornou insustentável o projeto de uma teoria do discurso concebida sobre tais bases.

Mas além desse tipo de construção teórica, então amplamente divulgado, havia razões mais específicas aos limites dessa problemática: sua *abstração*, indiferente à história, surda às transformações políticas que lhe eram contemporâneas.

Sem voltar ao detalhe dessa problemática, eu queria salientar a esse respeito dois traços, de um lado, um pensamento da contradição, referência última a partir da qual analisar as relações entre ideologia e discurso. Esses eram considerados, de fato, como a forma material de "formações ideológicas" não tendo existência fora do antagonismo que as une e as opõe. A única coisa que a burguesia e a classe operária têm em comum é seu confronto. Tudo isso repousava sobre uma "análise de classe" situada em total desacordo com o movimento

[17] Isso sugere uma outra pista genealógica possível, na linhagem dos socialismos utópicos, grandes amadores e consumidores de máquinas científicas.

político, social, cultural da França dos anos 70[18]. No mesmo momento em que Althusser escrevia, a classe operária à qual ele se referia estava desaparecendo. Reconfigurações econômicas, "contra-revolução" e êxodos industriais, transformação dos comportamentos políticos e mutação da identidade cultural dos operários: esses fatores, então em gestação, já haviam, sem que se soubesse ou que se quisesse vê-lo, tornado caduca a análise[19]. Do mesmo modo que se operava então a maturação de novas formas de comunicação política que iam, pouco a pouco, destituir o confronto verbal, o choque frontal, a surdez monológica dos aparelhos como únicas práticas legítimas da luta política. Declínio dos monólogos e desafeto de seus fiéis, triunfo das formas breves e da conversação, psicologização do espetáculo político, nova definição das relações entre a palavra e a imagem: dessa mutação dos discursos públicos contemporâneos, nada veio para a análise do discurso[20].

Segundo traço dessa articulação da ideologia e do discurso: uma série de reduções que levavam a uma abstração considerável daquilo que se pode entender por "discurso". Subordinação, bem inicialmente, da história ao político: não há história em Althusser, ainda que uma "ciência da história" aí volte de modo encantatório; nada de história pensável fora da redução do histórico ao político, e da submissão do político ao ideológico. Redução, ainda, do ideológico ao discursivo: o discurso é a única materialidade da ideologia, à exceção de outras práticas. E aqui, pela segunda vez, uma cegueira considerável: em pleno desenvolvimento do aparelho audiovisual de informação, na véspera do reinado das imagens, é para a escola e suas práticas de leitura que Althusser dá o papel de "aparelho ideológico dominante". Obsessão pelo texto, e ainda, pelo texto escrito[21], considerado como vetor ideológico essencial. E no texto enfim, redução do discursivo ao sintático: o apoio sobre uma tradição exclusivamente formalista tomada por uma garantia quase-absoluta de cientificidade "materialista" ("há um real da língua") foi o último momento de um fracasso das mutações ideológicas contemporâneas dessas análises, da historicidade das práticas linguageiras inéditas que aí se desenvolviam[22].

[18] Era, no plano histórico, um dos vieses da análise que eu consagrei, faz alguns anos, ao discurso comunista (*Langages*, n. 62, 1981).

[19] Um pouco menos de psicanálise, um pouco mais de antropologia e de demografia históricas (sobre a mutação da classe operária, ver, por exemplo: E. Todd, 1988) teriam, com certeza, sido saudáveis para a análise do discurso.

[20] Ver sobre esse ponto Courtine, 1990.

[21] Essa obsessão pelo texto e pela escola me parece poder ser compreendida admitindo-se que Althusser falava, ao mesmo tempo e sem verdadeiramente vê-lo, em seu célebre artigo sobre os aparelhos ideológicos de estado, da escola "capitalista" *e* do Partido Comunista Francês. A descrição de um aparelho obsedado pelas práticas escriturárias e fadado a sua única reprodução, parece-me uma visão mais adequada do PCF do que da escola da República. Esse tipo de confusão foi constante na linha política althusseriana, que jamais verdadeiramente soube se ela lutava prioritariamente contra o Estado capitalista, ou contra o aparelho comunista.

[22] Houve aqui, sem qualquer dúvida, um artifício da razão filosófica: *"Com Althusser, assistimos à revanche tardia da herança idealista francesa afirmando sua primazia mesmo em sua justificação do*

Redução do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao discursivo, do discursivo ao sintático: o *preconceito filológico* que atualmente se difunde abertamente em análise do discurso estava aí inscrito silenciosamente desde a origem.

Talvez, poder-se-ia, para concluir de maneira provisória, tentar responder de modo simples a algumas questões que a breve história que acabo de esboçar coloca. Ainda existe uma disciplina que se possa designar pelo termo de análise do discurso? Conservando-se para esse termo a acepção que tinha no contexto que descrevi aqui, a resposta é negativa. Aquela análise do discurso é doravante um dos objetos desse período barroco da história das idéias que terá conhecido os últimos brilhos, depois os falecimentos quase-simultâneos de duas formas maiores do pensamento francês do pós-guerra, o marxismo e o estruturalismo.

Existe, desde então, todo um conjunto de trabalhos lingüísticos que tomaram o enunciado regular como objeto, em diferentes contextos e segundo diferentes perspectivas: textos, fragmentos de conversações, seqüências orais, interações verbais,... Qualquer que seja sua importância e seu interesse, não se trata contudo aqui, na maioria dos casos, parece-me, de discursos. Simplesmente porque *o discurso não é um objeto lingüístico*. As próprias dificuldades daquilo que havia se constituído como análise do discurso sob os auspícios do marxismo e da lingüística dos anos 69-70 o indica suficientemente: não se pode conceber perspectiva geral sobre a discursividade somente a partir da textualidade, no apagamento de toda dimensão histórica.

O projeto de pesquisas sobre os discursos que devolvem à discursividade sua espessura histórica não está, no entanto, caduco, mas deve ser inteiramente repensado. Parece-me, em particular, que ele poderá fazer a economia da análise de representações complexas feitas de linguagem, de imagens e de práticas[23]. Analisar discursos não pode mais se limitar a caracterizar diversos tipos de textos em diferentes níveis de funcionamento lingüístico. Mas em pensar e em descrever a maneira como se entrecruzam historicamente regimes de práticas e séries de enunciados; e em rearticular, desse modo, as perspectivas lingüística e histórica em uma direção, outrora indicada por Michel Foucault, que poderia ser aproximada daquela que Roger Chartier precisa em seus termos:

> "... Os discursos (...) constituem não o único, mas o mais maciço dos materiais da história. Nenhum deles pode ser manejado sem ser submetido ao duplo questionário, crítico e genealógico, proposto por Foucault, visando marcar suas condições de possibilidade e de produção, seus princípios de regularidade, suas imposições e suas apropriações. A tarefa é inscrever no centro da

marxismo mais materialista" (Judt, 1987, p. 238). Nisso também, Althusser terá sido o último dos filósofos marxistas franceses.

[23] É em um tal quadro que recentemente esbocei uma análise das mutações contemporâneas dos discursos públicos (ver Courtine, 1990).

crítica documental, que constitui a mais durável e a menos contestada das características da história, o questionário e as exigências do projeto de análise dos discursos tal como foi formulado em articulação com o trabalho efetivo dos historiadores, e cujo objeto é, finalmente, as imposições e o meios que regulam as práticas discursivas da representação... Por outro lado, pensar o trabalho histórico como um trabalho sobre a relação entre representações e práticas..." (Chartier, 1987, p. 16-17).

Bibliografia:

ALTHUSSER, L. *Lire le Capital*. t. I, Paris: Maspéro, 1968.

_____. *Positions*. Paris: Éditions Sociales, 1976.

CHARTIER, R. Le passé composé. *Traverses*, n. 40, 1987.

CHEVALIER, J.C. La langue linguistique et histoire. *Faire de l'histoire*, Paris: Gallimard, t. 3, 1974, p. 131-132.

COURTINE, J.-J. L'instituteur et le militant: contribution à l'histoire de l'analyse du discours en France. *Archives et Documents de la SHESL*, n. 2, 1982.

_____. Les glissements du spectacle politique. *Esprit*, n. 164, p. 152-164, 1990.

DE CERTEAU, M. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.

DUBOIS, J. Énoncé et énonciation. *Langages*, Paris, n. 13, p. 100-110, 1969.

GARDIN, B.; MARCELLESI, J.B. *Introduction à la sociolinguistique*. Paris: Larousse, 1974.

GUESPIN, L. Problématique des travaux sur le discours politique. *Langages*, Paris, n. 23, 1971.

_____. Les embrayeurs en discours. *Langages*, Paris, n. 41, 1976.

JUDT, T. *Marxism & the French Left*. New York; London: Oxford University Press, 1986. (tradução francesa: Paris, Flammarion, 1987)

LAKS, B. Le champ de la sociolinguistique française de 1968 à 1983: production et fonctionnement. *Langue Française*, n. 63, 1984.

MALDIDIER, D. *L'inquiétude du discours*; textes de M. Pêcheux choisis et présentés par D. Maldidier. Paris: Éditions de Cendres, 1990.

MARCELLESI, J.B. L'analyse du discours en France: oppositions ou contracditions?, *document ronéoté*, Université de Mexico, 1977.

PÊCHEUX, M. *Language, Semantics and Ideology*. London: MacMillan, 1982.

ROBIN, R. *Histoire & Linguistique*. Paris, A. Collin, 1973.

_____. Le hors-texte dans le discours politique. *Recherches et Théories* (Université du Québec à Montréal), n. 19, 1979.

TODD, E. *La nouvelle France*. Paris: Seuil, 1988.

El anatomista de Federico Andahazi[1]

Francisco Domínguez Durán[2]

Tradução: Márcia Hoppe Navarro[3]

Aqui está um romance apaixonante e ousado. Apaixonante, já que investiga as raízes do pensamento europeu moderno sobre a natureza da mulher, e ousado porque é um romance feminista...escrito por um homem. A ousadia não se deve somente ao fato de que aborde um tema "normalmente" abordado por escritoras mulheres, mas porque, além disso explora, literariamente, os recônditos labirintos da libido feminina.

Seu objeto de análise literária é aquela parte da anatomia feminina tão difícil de descobrir para tantos homens, e tão oculta e reprimida culturalmente na perspectiva de tantos milhões de mulheres - e de homens - no mundo. A história trata das metamorfoses investigativas de um cientista renascentista italiano, Mateo Colombo, quem, para poder conseguir o amor de Mona Sofia, procura com afinco e determinação "*a chave mágica que abre o coração das mulheres, o segredo que governa a misteriosa vontade do amor feminino*" (p. 13)[4]. Trata-se do *Amor Veneris* ou *Kleitoris*. Os membros da alta hierarquia da Igreja Católica, ao se defrontarem com este extraordinário acontecimento, decidem colocar Mateo Colombo nas mãos do adusto e severo tribunal da Santa Inquisição. Perguntam-se as doutas autoridades eclesiásticas da época que destino teria a cristiandade se este feminino objeto do pecado caísse sob o controle das hostes de Satanás. Tal descobrimento é, para os guardiães da Santa Inquisição, simultaneamente herético e erótico, no pior sentido que tinham estes termos no beato século XVI, pois oferece à mulher a possibilidade de converter-se também em sujeito sexual.

A ironia, o sarcasmo e, por que não dizê-lo, a verdadeira audácia com que Andahazi aborda o tema é (literariamente falando) deliciosa. Ri com justiça da fanfarronice dos homens da época e, por extensão, dos atuais, que inutilmente adotam todo tipo de estratégias absurdas e ridículas para impressionar sexualmente às mulheres com destrezas e tamanhos falsamente exagerados.

No romance a objetivação da mulher se faz de forma magistral e poderosa: Colombo, o anatomista, utiliza cadáveres femininos para as dissecações

---

[1] Texto gentilmente cedido pelo autor para tradução e publicação. Trata-se de resenha do romance *El anatomista*, publicado em Buenos Aires, pela Planeta, em 1997.

[2] Chefe de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Middlesex, Inglaterra.

[3] Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[4] Para as citações foi utilizada a tradução em português de Paulina Wacht e Ari Roitman de ANDAHAZI, Federico. *O anatomista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. N.T.